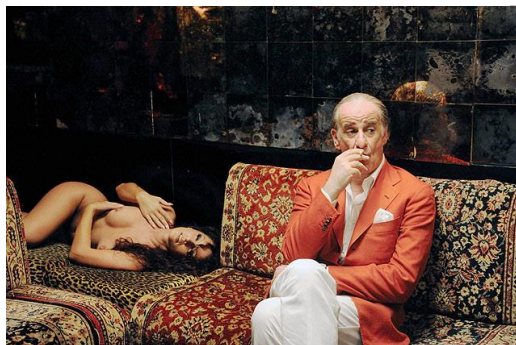


CINEMA PARADISO

Boletim n. 350

São Paulo, 22 de janeiro de 2014



Próxima Reunião: 26/01/2014 - Domingo às 16 h

A Grande Beleza (La Grande Bellezza, 2013)

Direção de Paolo Sorrentino (*)

(*) Nasceu em Nápoles, Itália, em 31/05/1970. É roteirista, ator e diretor. Já realizou – entre curtas, longas e telefilmes – 16 filmes, sendo que o primeiro a chamar a atenção da crítica internacional foi **As Consequências do Amor** (2004), bastante premiado e que concorreu à Palma de Ouro, em Cannes. Depois, realizou **O Divo** (2008), **Aqui é o meu lugar** (2011), este discutido pelo grupo, e agora **A Grande Beleza**, que já ganhou o Globo de Ouro, entre outros prêmios, e concorrerá ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

VIVA O BELAS ARTES! SALVEM OS CINEMAS DE RUA!!!

O que tem a ver os movimentos populares de junho último e a maravilhosa notícia da reabertura do cinema Belas Artes? Na minha opinião, tem tudo a ver. Quando foi anunciado o fechamento do cinema, há três anos, muita gente, como eu, ficou indignada. Parecia que esse acontecimento iria constar na minha longa lista de indignações com a cidade e o país. No entanto, alguns jovens (adolescentes mesmo), especialmente os que frequentavam o noitão do Belas Artes, não ficaram na indignação passiva. Usando especialmente o Facebook, marcaram atos públicos e passeatas para gritar para toda a população que eles não aceitavam perder um espaço cultural tão importante da cidade. Confesso que eu achava que minha cota de passeatas nesta vida já estava completa (fui do movimento estudantil e sindical). Meu amigo Beto (jornalista, que já frequentou nosso grupo de cinema) me ligou, chamando pra passeata e sugerindo que eu divulgasse em nosso jornal o que estava acontecendo.

Fui e fiquei surpreendida duas vezes. Em primeiro lugar, comigo mesma, porque me toquei que não precisava me atribuir o papel de “ex-combatente”. Era possível, sim, voltar a fazer passeatas e protestar. Eu ainda tinha (e tenho) energia pra isso. E, em segundo lugar, fiquei muito bem impressionada com esses bravos adolescentes. Sim, acho que bravura é não ficar só de cara feia, mas tomar uma atitude.

Além da consciência dos seus direitos e muito gás pra lutar, notei que aqueles jovens não tinham quase experiência política. Mas o tipo de organização dos movimentos populares que nós conhecíamos, da fase final da ditadura, não se aplicava ali. Pra começar, eles marcavam tudo via Facebook (o que pra mim e pro Beto, por exemplo, parecia muito louco!). Com a anuência deles, aceitei participar da criação de uma comissão organizativa pra estruturar minimamente aquele movimento. Logo depois de ajudar um pouco essa comissão, me desliguei porque eu estava na fase final da minha tese. Vocês, leitores, puderam acompanhar que em nosso jornal constantemente veiculávamos a situação do movimento em defesa do Belas Artes e nossa insatisfação com a existência de tão poucos cinemas de rua.

No espaço do Belas Artes, teríamos uma loja de departamentos, mas ações judiciais inviabilizaram a ocupação do imóvel para outro fim que não fosse um cinema. A ideia de loja no lugar de um cinema reforça esse contexto das salas confinadas em *shoppings*. E nós

(agora falo em nome do nosso grupo) detestamos esse cenário, que tira nosso deleite com o cinema e responde a uma lógica lucrativa falsa. O Belas Artes não era deficitário. Nós, que somos cinéfilos, sabemos que suas várias salas (e dos outros poucos cinemas de rua) atendiam a mais gente durante a semana do que as salas do Cinemark ou Playarte. A invasão de *blockbusters*, ocupando tantas salas pelo país, reduz a poucos espaços todas as outras produções (exatamente aquela programação que gostamos e discutimos). E estávamos em vias de perder mais um desses poucos espaços.

Agora recebemos a bela notícia que o Belas Artes será reaberto em maio próximo.

Muitas foram as forças que contribuíram pra essa vitória histórica: a entidade cultural que entrou com a ação judicial para defender o uso de interesse público daquele imóvel; a ação imediata do então secretário municipal de cultura (Carlos Augusto Calil); as 90 mil assinaturas que pediam a reabertura do cinema e a atual gestão da prefeitura que acertou o atual acordo. Foram também importantes os poucos vereadores (de vários partidos políticos) que se juntaram a nós. Mas tenho absoluta clareza que, sem a mobilização que esses jovens iniciaram – e souberam manter – não teríamos o que festejar agora.

Conversando com aqueles adolescentes das passeatas do Belas Artes, soube que muitos deles (não todos) participavam do incipiente movimento do passe livre. Bingo! Esse mesmo movimento que liderou as mobilizações de junho (pelo menos a parte organizada).

Essa “molecada do Facebook” mostrou que é possível despertar a população para barrarmos aquilo que nos avilta. Em junho passado, a “lógica das planilhas” dizia que era inevitável o aumento das passagens de ônibus. Aconteceu o mesmo com o Belas Artes. Juridicamente, tudo conspirava a favor de um proprietário de imóvel que não queria continuar com o cinema. Esses jovens me ensinaram e me ensinam muito!

Temos uma festa nesta próxima sexta-feira, 24 de janeiro, às 19 horas, na praça do ciclista (Av. da Consolação esquina com a Av. Paulista). Na véspera do aniversário da cidade, vamos brindar por essa vitória da cidadania cultural! Bora lá!!! Parabéns ao Movimento do Belas Artes que não desistiu da luta!!!

Claudia Mogadouro



O QUE CABE NO MUNDO



Um dos méritos de um filme que não é só entretenimento é o de nos fazer refletir, questionar, desassossegar. Entra nessa categoria **Pedalandando com Molière** (Alceste à Bicyclette), de Phylpe Le Guay. No filme, um ator de TV, no auge da sua popularidade (Sambert Wilson) fez uma proposta a um veterano afastado espontaneamente dos palcos há alguns anos: encenar “O Misanthropo”, de Molière. A princípio Serge, o velho ator, recusa a proposta alegando que sua decisão de se afastar do teatro era irrevogável. Mas encenar Molière era tentador! E mais significativamente, encenar “O Misanthropo” – peça preferida do ator – no qual ele parecia ter se transformado: recluso, meio ranzinza e melancólico. Serge sugere então que ele e Gauthrer (o galã de TV) ensaiem a peça durante a semana, alternando cada dia o papel de Alceste que ambos queriam desempenhar, e só ao final desse prazo decidiria se aceitaria ou não a proposta. Os diálogos são muito bons e entremeados com os da leitura do texto feita dos ótimos atores.

Parece ser uma das tarefas humanas zelar pela imagem apresentada aos outros. Para políticos, homens públicos, professores, etc, é mais preciosa ainda. Mas são as atividades que propiciam chance de aplauso público e de sucesso midiático as que oferecem confirmação constante de que se é aceito e querido. Dá pra entender porque quando algumas pessoas famosas, quando perdem sua popularidade, entram em depressão ou se envolvem com drogas, por não suportarem o ostracismo ou o anonimato. E isso é reforçado por estarmos vivendo uma época onde quase tudo é espetáculo (bate-se palmas até em casamento e enterro!), e a valorização do sucesso momentâneo a qualquer preço parece ser um objetivo geral. Isso é mais evidente em atividades onde a imagem idealizada é mais exigida.

Ser reconhecido e aceito é um anseio humano natural. É por amor aos pais (e pelo temor de não serem queridos) que os filhos aprendem a obedecê-los, assim como, no processo edipiano, abrem mão do amor incestuoso. A recompensa pelas renúncias aos nossos impulsos é nos sentirmos aceitos pelo grupo ao qual pertencemos. O acatamento às regras de convivência é condição para se viver em grupo. Esse desejo de aceitação vai desde uma simples curiosidade em saber como somos vistos (nossa imagem), até a uma submissão sem reservas, sem contestação, acatando tudo o que é imposto. É evidente que o sujeito sacrifica sua autonomia, sua independência e sua capacidade crítica na busca doentia de ser acolhido. O outro personagem de “O Misanthropo”, Philinte, que dialoga com Alceste, é o representante dessa submissão, ao qual Alceste contesta com mordacidade.

O filme é uma bela homenagem ao teatro e se refere também aos seus desdobramentos. Desde os gregos o ato de representar era restrito ao teatro, mas surgiram outros meios de encenação, como o cinema e a TV (o cinema pornô também é referido no filme). Esses derivados parecem ter mais objetivos mercadológicos, permitindo aos

atores ganhos financeiros proporcionais ao sucesso de público, sem vinculação necessária em talento.

Penso que em nenhuma outra profissão há tanto espaço para a expressão das várias facetas da alma humana quanto a da arte de representar. O ator se permite viver personagens dos mais bem comportados e adequados até os mais cruéis e insensíveis à dor de seus semelhantes, passando pela expressão do desvario. Ninguém tem tanta chance de catarse quando o ator. É através das artes cênicas que o terrível e o sublime que nos habita encontram uma forma de expressão que toca a nós, espectadores, e nos envolve. Por outro lado, representar tantos personagens e ser valorizado por isso pode, muitas vezes, dificultar que o sujeito seja ele mesmo. Passar grande parte da vida sendo outros diminui o espaço para a expressão da própria individualidade. É certo que é na primeira infância que as características de personalidade de cada um são fomentadas, por isso a profissão não pode ser responsabilizada por qualquer distúrbio psíquico que o artista venha a apresentar. Mas é claro que a perda do sucesso e do reconhecimento público, para quem isso é vital, pode ser um desencadeador de algum aspecto negativo não manifesto.

Serge deixou o palco, desiludido com o ambiente de intriga do mundo teatral, e passou a ser ele mesmo todo o tempo. Foi morar numa ilha, numa casa velha (herança de família), que precisava de consertos, sendo muito emblemático o referente à fossa que exalava mau cheiro, que ele não tinha condições de consertar. Seu recomeço parece estar sendo também um investimento com o qual ele parece não poder arcar. Retirar-se do palco para viver o real é procurar um lugar no mundo que ele ainda não encontrou. Viver o real não é fácil pra ninguém: exige renúncias, capacidade de suportar frustração, é não mais “brincar de casinha”. Os existencialistas já diziam que nossa existência seria mais autêntica se deixássemos de mentir sobre nosso vazio, nossa angústia existencial. O filósofo dinamarquês Kierkegaard, pai do existencialismo, entendia que o autoconhecimento parte do contato com a tristeza e a dor que estão na base da nossa existência. Quanto menos negarmos nossas mazelas interiores, melhor podemos desfrutar da vida. Só assim sofremos menos com nossas limitações e imperfeições. A psicanálise, através de outros caminhos, chegou a conclusões semelhantes. Acho que muito do fascínio do cinema, do teatro e da literatura tem a ver com a possibilidade de expressão de quase tudo que o homem é capaz de ter dentro de si. Lembro agora que quando alguém contava à minha tia avó algo como sendo chocante ou descomunal, ela dizia com sabedoria: “não é tanto assim; se fosse, não cabia no mundo”. De fato, o homem só faz o que o ser humano é capaz de fazer.

Viver papéis além dos socialmente requeridos é enriquecedor, ajudando a pôr pra fora os demônios internos. É conhecida a experiência feita por Philip Zimbardo, em 1971. Ele escolheu 24 pessoas com comprovada saúde mental: metade ficou com o papel de prisioneiro e a outra metade com o de guarda, com a função de assustar os “prisioneiros”, mas sem usar força física. Qualquer um poderia desistir da tarefa quando quisesse. Os carcereiros foram se revelando cada vez mais cruéis e os prisioneiros cada vez mais aceitavam as humilhações e castigos que lhes eram infringidos. No sexto dia, o experimento teve que ser interrompido por estar ultrapassando os limites éticos combinados. Os dois grupos se comportavam com naturalidade, como se de fato fossem o que representavam. Isso só mostra que atitudes bárbaras não são inumanas, pois senão não caberiam no mundo.

Rianete Lopes Botelho

COTAÇÃO 2014

Pais e Filhos8,52

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail:

estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é:

Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5